

N A O M I N O V I K



# SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

[Capítulo 1](#)

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

# CAPÍTULO 1

**N**osso Dragão não come as meninas que captura, não importam as histórias que contem fora do vale. Nós às vezes as ouvimos por conta dos viajantes que passam por aqui. Eles falam como se estivéssemos sacrificando um ser humano e ele fosse um dragão de verdade. Claro que não é assim: ele pode ser um mago imortal, mas continua sendo um homem, e nossos pais se uniriam e o matariam se a cada dez anos ele quisesse usar uma de nós como comida. Ele nos protege contra a Floresta, e somos gratos; mas não tanto assim.

O Dragão não as devora de verdade; só parece que o faz. Ele leva uma menina para sua torre, e dez anos depois a solta, mas aí ela já é uma pessoa diferente. Suas roupas são elegantes demais e fala como uma cortesã, ela ficou morando sozinha com um homem por dez anos, então é claro que está destruída, apesar de todas as meninas dizerem que ele nunca encosta nelas. O que mais elas poderiam dizer? E essa não é a pior parte, afinal, quando as solta, o Dragão lhes dá uma bolsa cheia de prata para o dote, de modo que qualquer um ficaria feliz de se casar com elas, destruídas ou não.

Mas elas não querem se casar com ninguém. Elas nem querem ficar aqui.

– Elas se esquecem de como viver na vila – disse meu pai uma vez, de súbito. Eu estava andando ao lado dele no banco da grande carroça vazia, no caminho para casa depois de entregar a lenha da

semana. Morávamos em Dvernik, que não era a maior nem a menor vila do vale, nem a mais próxima da Floresta: ficávamos a onze quilômetros de distância. No entanto, a estrada nos levava por uma grande colina e, no topo, num dia claro, dava para ver o curso do rio até a faixa cinza-pálida de terra queimada na fronteira, e a parede escura e sólida de árvores logo além. A torre do Dragão ficava bem distante, na direção oposta, um pedaço de giz branco fincado na base das montanhas a oeste.

Eu ainda era muito pequena, não tinha mais do que cinco anos, acho, mas já sabia que não falávamos sobre o Dragão nem sobre as meninas que ele capturava. Foi por isso que a conversa ficou gravada na minha mente quando meu pai quebrou a regra.

– Elas se lembram de ter medo – disse meu pai. Só isso. Depois, ele estalou a língua para os cavalos, e eles nos puxaram, descendo a colina e voltando às árvores.

Não fazia muito sentido para mim. Todos tínhamos medo da Floresta. Mas nosso vale era um lar. Como era possível deixar o seu lar? E, mesmo assim, as meninas nunca voltavam de verdade. O Dragão as libertava da torre, e elas voltavam para a família durante um tempo. Uma semana, às vezes um mês, nunca passava disso. Depois elas pegavam a prata do dote e iam embora. A maioria ia para Kralia estudar na Universidade. Algumas vezes, elas se casavam com um homem da cidade, em outras ocasiões se tornavam estudiosas ou donas de lojas, apesar de algumas pessoas sussurrarem sobre Jadwiga Bach, que tinha sido capturada sessenta anos antes, ter se tornado cortesã e amante de um barão e de um duque. Mas, quando eu nasci, ela era apenas uma mulher rica e idosa que mandava presentes esplêndidos para todas as sobrinhas-netas e sobrinhos-netos e nunca aparecia para visitá-los.

Portanto, não é como se entregassem as filhas para serem devoradas, mas também não é uma situação feliz. Não existem tantas vilas no vale, então as chances não são muito baixas. Ele captura apenas uma menina de dezessete anos, nascida entre um mês de outubro e outro. Havia onze meninas para serem escolhidas no meu

ano, e esse número é pior do que apostar sua sorte nos dados. Todo mundo diz que você ama uma menina nascida no período do Dragão de um jeito diferente conforme ela fica mais velha; não dá para evitar, sabendo que você pode perdê-la com tanta facilidade. Mas não foi assim comigo e com os meus pais. Quando eu tinha idade suficiente para entender que poderia ser capturada, todos nós sabíamos que ele levaria Kasia.

Só viajantes de passagem, que não sabiam, elogiavam os pais de Kasia ou diziam como a filha deles era bonita, inteligente e simpática. O Dragão nem sempre capturava a menina mais bonita, mas sempre capturava a mais especial, de algum jeito: se havia uma menina que era de longe a mais bonita, ou a mais inteligente, ou a que dançava melhor, ou era especialmente gentil, de alguma forma ele a escolhia, apesar de quase nunca trocar uma palavra com as meninas antes de fazer a escolha.

E Kasia era todas essas coisas. Tinha cabelos fartos, dourados como trigo, que ela mantinha presos numa trança que ia até a cintura, seus olhos eram castanhos e cordiais, e sua risada era como uma canção que dava vontade de cantar. Ela pensava nas melhores brincadeiras e sabia inventar histórias e novas danças; sabia cozinhar bem para um banquete e, quando fiava a lã das ovelhas do pai, o fio saía da roca macio e liso, sem um único nó ou embolado.

Sei que estou dando a impressão de que ela saiu de uma história. Mas era o contrário. Quando minha mãe me contava histórias sobre a princesa fiadora ou a corajosa menina-ganso ou a moça do rio, eu sempre as imaginava um pouco como Kasia; era assim que eu a via. E eu não tinha idade suficiente para ser sábia, por isso a amava mais, não menos, porque eu sabia que ela seria tirada de mim em breve.

Ela não se importava, dizia. Kasia também era destemida: sua mãe, Wensa, fez questão de que assim fosse.

– Ela vai ter que ser corajosa. – Eu me lembro de ouvir a mãe dela dizer à minha mãe uma vez, enquanto encorajava Kasia a subir numa árvore da qual ela recuara, e minha mãe abraçava a menina em lágrimas.

Morávamos a três casas de distância, e eu não tinha uma irmã, só três irmãos muito mais velhos. Kasia era minha preferida. Brincávamos juntas desde o berço, primeiro na cozinha das nossas mães, fugindo das pisadas, depois nas ruas na frente de casa, até termos idade suficiente para correr livremente pelo bosque. Eu nunca queria ficar dentro de casa quando podíamos estar correndo de mãos dadas sob os galhos. Eu imaginava as árvores dobrando os braços para nos proteger. Eu não sabia como ia suportar quando o Dragão a levasse.

Na verdade, meus pais não teriam temido por mim mesmo que Kasia não existisse. Aos dezessete, eu ainda era uma potrinha magrela com pés grandes e cabelo castanho-sujo emaranhado, e meu único dom, se é que se pode chamar assim, era conseguir rasgar, manchar ou perder qualquer coisa que colocassem em mim durante o dia. Minha mãe perdeu as esperanças quando eu tinha doze anos, e passou a me deixar correr sozinha, sem meus irmãos mais velhos, exceto nos dias de banquete, quando eu era obrigada a trocar de roupa vinte minutos antes de sairmos, e depois ficar sentada no banco em frente à nossa casa até irmos a pé para a igreja. Mesmo assim, ainda era possível que eu não conseguisse chegar ao gramado da vila sem me enroscar em um galho ou respingar lama na roupa.

– Você vai ter que se casar com um alfaiate, minha pequena Agnieszka – dizia meu pai, rindo, quando voltava para casa do bosque à noite e eu saía correndo para encontrá-lo, com o rosto imundo, pelo menos um buraco na roupa e nenhum lenço na cabeça. Ele me pegava no colo mesmo assim e me beijava; minha mãe apenas suspirava de leve: que pai ou mãe ficaria realmente triste pelos defeitos de uma garota nascida no período do Dragão?

Nosso último verão antes da captura foi longo, quente e cheio de lágrimas. Kasia não chorou, mas eu chorei. Ficávamos até tarde no bosque, esticando cada dia dourado pelo máximo de tempo possível, e eu voltava para casa com fome e cansada e ia direto deitar no escuro. Minha mãe entrava e acariciava minha cabeça, cantando baixinho

enquanto eu chorava até dormir, e deixava um prato de comida ao lado da minha cama para quando eu acordasse no meio da noite, faminta. Ela não tentava me consolar: como poderia? Nós duas sabíamos que, por mais que ela amasse Kasia e Wensa, a mãe de Kasia, ela não conseguia evitar um pequeno nó de felicidade no estômago. Não é minha filha, não é a minha única filha. E, é claro, eu não queria que ela sentisse outra coisa.

Durante quase todo o verão, ficamos só eu e Kasia. Era assim havia muito tempo. Corríamos com a multidão de crianças da vila quando éramos pequenas, mas, conforme ficamos mais velhas e Kasia mais bonita, a mãe dela disse:

– É melhor você não ficar muito perto dos meninos, pelo seu bem e o deles. – Mas eu me grudava nela, e minha mãe amava Kasia e Wensa o suficiente para não tentar me impedir de andar por aí com ela, apesar de saber que isso ia me fazer sofrer mais no fim das contas.

No último dia, acabamos chegando a uma clareira no bosque onde as árvores ainda estavam com as folhas douradas e vermelhas farfalhando acima de nós, com castanhas maduras espalhadas pelo chão. Fizemos uma pequena fogueira com ramos e folhas secas para torrar algumas sementes. Amanhã seria o primeiro dia de outubro, e o grande banquete seria realizado para honrar nosso patrono e lorde. Amanhã, o Dragão viria.

– Deve ser bom ser um trovador – disse Kasia, deitando-se de costas com os olhos fechados. Ela cantarolou um pouco: um cantor viajante tinha chegado para o festival, e ele estava ensaiando as músicas no gramado naquela manhã. Durante toda a semana chegaram carroças de tributo. – Passear por toda Polnya e cantar para o rei.

Ela disse isso de um jeito reflexivo, não como uma criança admirando as nuvens; disse como alguém que realmente pensava em sair do vale, em ir embora para sempre. Estendi a mão e segurei a dela.

– E você viria para casa todo ano, no solstício de inverno, e cantaria todas as músicas que aprendera. – Ficamos de mãos dadas, e

eu não me permiti pensar que as garotas que o Dragão capturava nunca queriam voltar.

Claro que, naquele momento, eu o odiava com todas as forças. Mas ele não era um lorde maldoso. Do outro lado das montanhas no norte, o Barão dos Pântanos Amarelos mantinha um exército de cinco mil homens para mandar às guerras de Polnya, e um castelo com quatro torres e uma esposa que usava joias cor de sangue, e uma capa branca de pele de raposa, tudo isso num lugar que não era mais rico que o nosso vale. Os homens tinham que doar um dia de trabalho por semana para os campos do barão, que eram a melhor terra, e ele capturava os filhos mais aptos para seu exército, e com todos os soldados vagando por ali, as meninas tinham que ficar dentro de casa e andar acompanhadas quando se tornavam mulheres. E ele nem era um lorde *maldoso*.

O Dragão só tinha uma torre, nenhum homem armado, nem mesmo um serviçal, só a menina que ele capturava. Ele não precisava manter um exército: o serviço que ele prestava ao rei era seu próprio trabalho, sua magia. Ele às vezes tinha que ir à corte para renovar o juramento de lealdade, e acho que o rei poderia tê-lo chamado para a guerra, mas, na maior parte do tempo, seu trabalho era ficar aqui, observar a Floresta e proteger o reino contra suas más intenções.

A única extravagância dele eram os livros. Por conta disso, todos nós líamos muito, pelos padrões dos aldeões. Por um único grande tomo, ele chegava a pagar ouro, por isso os vendedores de livros vinham até aqui, apesar de nosso vale ficar na fronteira de Polnya. E, já que estavam vindo, eles enchiam os alforjes de suas mulas com livros baratos ou desgastados e vendiam para nós por centavos. Uma casa que não tinha pelo menos dois ou três livros exibidos com orgulho nas paredes era uma casa pobre.

Para alguém que não more perto da Floresta, essas coisas podem parecer bobas e insignificantes, uma causa pequena para abrir mão de uma filha. Mas eu tinha sobrevivido ao Verão Verde, quando um vento quente carregou pólen da Floresta para dentro do vale, a oeste, até os nossos campos e jardins. As colheitas cresceram furiosamente

viçosas, mas também estranhas e disformes. Qualquer pessoa que comesse ficava doente de raiva, agredia a família e, no fim, se não fosse amarrada, corria para a Floresta e desaparecia.

Na época, eu tinha seis anos. Meus pais tentaram me proteger ao máximo, mas mesmo assim eu me lembro com clareza da sensação fria e viscosa do pavor por toda parte, de todos com medo, e da picada infinita da fome na minha barriga. Tínhamos comido todo o nosso estoque do último ano, contando com a primavera. Um dos nossos vizinhos comeu algumas ervilhas, imprudentemente por causa da fome. Eu me lembro dos gritos vindos da casa dele naquela noite e de espiar pela janela para ver meu pai correndo para ajudar, pegando o forcado que ficava encostado na parede do nosso celeiro.

Certo dia, naquele verão, jovem demais para entender bem o perigo, fugi da vigilância da minha mãe cansada e magra e corri até o bosque. Encontrei um arbusto quase podre num canto protegido do vento. Empurrei os galhos mortos e secos para chegar à parte protegida e escavei um milagroso punhado de amoras, nem um pouco deformadas, inteiras, suculentas e perfeitas. Cada uma delas provocou uma explosão de alegria na minha boca. Comi dois punhados e enchi as saias; corri para casa com elas formando manchas roxas no meu vestido, e minha mãe chorou de pavor quando viu meu rosto sujo. Não fiquei doente: de alguma forma, o arbusto tinha escapado da maldição da Floresta, e as amoras estavam boas. Mas suas lágrimas me assustaram; depois disso, fugi das amoras durante anos.

O Dragão tinha sido chamado à corte naquele ano. Ele voltou mais cedo, foi direto para os campos e invocou um fogo mágico para queimar toda aquela colheita maculada, cada planta envenenada. Essa parte era trabalho dele, mas depois ele foi a todas as casas onde alguém tinha ficado doente e deu a eles um gole de bebida mágica que clareou a mente das pessoas. Ele deu ordens para que os aldeões mais a oeste, que tinham escapado da praga, compartilhassem suas colheitas conosco, e até abriu mão do próprio tributo daquele ano para que nenhum de nós morresse de fome. Na primavera seguinte, pouco antes da temporada de plantio, ele passou de novo pelos

campos para queimar os restos corrompidos antes que criassem novas raízes.

Mas, ainda que tenha nos salvado, nós não o amávamos. Ele nunca saía da torre para pagar uma bebida para os homens na época da colheita, como fazia o barão dos Pântanos Amarelos, nem para comprar pequenas bugigangas na feira, como a esposa e as filhas do barão faziam com frequência. Às vezes, havia peças de teatro interpretadas por companhias viajantes ou cantores que vinham de Rosya pela trilha da montanha. Ele não vinha ouvi-los. Quando os carroceiros levavam seu tributo, as portas da torre se abriam sozinhas, e eles deixavam todos os produtos no porão, nem chegavam a vê-lo. Ele nunca trocou mais do que um punhado de palavras com a chefe da nossa vila, nem mesmo com o prefeito de Olshanka, o maior povoado do vale, que ficava muito perto da sua torre. Ele não tentava conquistar o nosso amor; nenhum de nós o conhecia.

E é claro que ele também era mestre em magia das trevas. Os raios brilhavam ao redor da sua torre em noites de céu límpido, até mesmo no inverno. Os filetes pálidos que ele soltava através das janelas flutuavam pelas estradas e pelo rio à noite, indo até a Floresta para vigiar por ele. E, às vezes, quando a Floresta pegava alguém (uma pastora que tinha se aproximado demais da fronteira, seguindo seu rebanho; um caçador que tinha bebido da fonte errada; um viajante azarado que vinha pela trilha da montanha cantarolando uma música que enfiava garras na sua cabeça), bem, o Dragão também descia da sua torre por eles; e as pessoas que ele capturava nunca voltavam.

Ele não era cruel, mas era distante e terrível. E ele ia levar Kasia, portanto eu o odiava, e o odiei por muitos e muitos anos.

Meus sentimentos não mudaram naquela última noite. Kasia e eu comemos nossas castanhas. O sol se pôs e a fogueira se apagou, mas ficamos na clareira enquanto as brasas ardiam. Não tínhamos um longo caminho a percorrer de manhã. O banquete da colheita costumava ser realizado em Olshanka, mas, nos anos da escolha, era realizado em uma das vilas em que existiam meninas na idade certa para o propósito do Dragão. Isso tornava a viagem um pouco mais

fácil para a família delas. E nossa vila tinha Kasia.

Odiei o Dragão ainda mais no dia seguinte, vestindo minha túnica verde nova. As mãos da minha mãe estavam tremendo enquanto trançava meu cabelo. Sabíamos que seria Kasia, mas isso não significava que não estávamos com medo. Contudo levantei minhas saias bem alto e subi na carroça com o máximo de cuidado possível, olhando duas vezes para ver se não tinha nenhuma farpa, e deixando que meu pai me ajudasse. Eu estava determinada a fazer um esforço especial. Sabia que não adiantava nada, mas queria que Kasia soubesse que eu a amava o suficiente para dar a ela uma oportunidade justa. Eu não ia me vestir mal nem ficar vesga ou desengonçada, como as meninas às vezes faziam.

Nós nos reunimos no gramado da vila, todas as onze meninas enfileiradas. As mesas do banquete estavam arrumadas formando um quadrado, cheias demais porque não eram grandes o suficiente para conter o tributo de todo o vale. As pessoas tinham se reunido atrás delas. Sacos de trigo e aveia estavam empilhados em pirâmides nos cantos do gramado. Éramos as únicas em pé no gramado, com nossas famílias e nossa chefe, Danka, que andava de um lado para o outro na nossa frente, nervosa, com a boca se movendo em silêncio enquanto praticava a saudação.

Eu não conhecia muito bem as outras meninas. Elas não eram de Dvernik. Estávamos todas em silêncio e imóveis nas roupas elegantes, com o cabelo trançado, observando a estrada. Ainda não havia sinal do Dragão. Pensamentos selvagens povoavam minha mente. Eu me imaginei pulando na frente de Kasia quando o Dragão viesse, pedindo que ele me levasse no lugar dela, ou declarando que Kasia não queria ir com ele. Mas eu sabia que não era corajosa o suficiente para fazer nada disso.

E então ele apareceu, de um jeito horrível. Ele não veio pela estrada; simplesmente surgiu no ar. Eu estava olhando naquela direção quando ele apareceu: dedos no ar e, depois, um braço e uma perna, e metade de um homem, tão impossível e errado que eu não conseguia desviar o olhar, apesar de meu estômago estar se revirando.

As outras tiveram mais sorte. Elas nem o perceberam até ele dar o primeiro passo na nossa direção, e todo mundo ao meu redor tentou não demonstrar surpresa.

O Dragão não era como nenhum homem da nossa vila. Ele deveria ser velho, corcunda e grisalho; ele morava naquela torre havia cem anos, mas era alto, tinha a postura ereta, a pele esticada e nenhuma barba. Se o olhasse de relance na rua, poderia achar que ele era jovem, só um pouco mais velho do que eu: alguém para quem eu poderia sorrir por sobre as mesas do banquete, e que poderia ter me tirado para dançar. Mas havia algo anormal no seu rosto: um ninho de corvo formado por rugas perto dos olhos, como se os anos não conseguissem alcançá-lo, mas o uso, sim. Mesmo assim não era um rosto feio, mas a frieza o tornava desagradável: tudo nele dizia *Não sou um de vocês e também não quero ser.*

As roupas dele eram maravilhosas, é claro; o brocado da túnica poderia alimentar uma família durante um ano, mesmo sem os botões dourados. Mas ele era magro como um homem cuja colheita tinha dado errado em três a cada quatro anos. Ele parecia rígido, contendo toda a energia nervosa de um cão de caça, como se não quisesse nada além de ir embora logo. Era o pior dia da vida de todos ali, mas ele não tinha paciência para nós; quando nossa chefe Danka fez uma reverência e disse:

– Meu lorde, deixe-me apresentá-lo a essas...

Ele a interrompeu e disse:

– Bem, vamos logo com isso.

A mão do meu pai estava quente no meu ombro, enquanto ele ficava em pé ao meu lado e fazia uma reverência; a mão da minha mãe apertava a minha do outro lado. Eles deram um passo relutante para trás, junto com os outros pais. Instintivamente, as onze meninas se aproximaram um pouco. Kasia e eu estávamos perto do fim da fila. Eu não ousava pegar a mão dela, mas estava perto o suficiente para nossos braços se encostarem de leve. Observei o Dragão e o odiei mais quando ele caminhou ao longo da fila e levantou o rosto de cada menina pelo queixo para analisá-las.

Ele não falou com todas nós. Não disse uma palavra para a garota ao meu lado, a que vinha de Olshanka, apesar de seu pai, Borys, ser o melhor criador de cavalos do vale, e ela usar um vestido de lã tingido de vermelho brilhante, com o cabelo preto preso em duas belas tranças entremeadas com fitas vermelhas. Quando foi minha vez, ele olhou para mim com a testa franzida, olhos pretos frios, boca pálida cerrada, e disse:

– Seu nome, menina?

– Agnieszka – respondi, ou tentei; descobri que minha boca estava seca. Engoli o desconforto. – Agnieszka – repeti, sussurrando. – Meu lorde. – Meu rosto estava quente. Baixei os olhos. Percebi que, apesar de todo o meu cuidado, minhas saias estavam com três grandes manchas de lama na barra.

O Dragão continuou. Depois parou, olhando para Kasia, de um jeito que não tinha olhado para nenhuma de nós. Ele ficou ali com a mão no queixo dela, um fino sorriso satisfeito curvando sua boca estreita e rígida. Kasia retribuiu o olhar com coragem e não se mexeu. Ao responder, ela não tentou forçar a voz a ficar áspera nem aguda nem nada, mas firme e musical:

– Kasia, meu lorde.

Ele sorriu de novo para ela, não de forma agradável, mas com uma expressão de satisfação felina. O Dragão foi até o fim da fila apenas para cumprir o ritual, mal olhando para as duas meninas depois dela. Atrás de nós, ouvi Wensa inspirar de um jeito que parecia um soluço quando ele voltou para olhar Kasia, ainda com aquela expressão satisfeita no rosto. E aí ele franziu de novo a testa e virou a cabeça, olhando diretamente para mim.

No fim das contas, eu tinha me deixado levar e segurava a mão de Kasia. Eu a estava apertando com força, e ela fazia o mesmo. Kasia rapidamente a soltou, e eu juntei minhas mãos diante do corpo, o rosto vermelho e fervendo, apreensivo. Ele apenas semicerrou os olhos mais um pouco. Em seguida, levantou a mão e, em seus dedos, uma pequena bola de chama azul-esbranquiçada tomou forma.

– Ela não fez por mal – explicou Kasia. Corajosa, corajosa e

corajosa, de um jeito que eu não fora por ela. Sua voz estava trêmula, mas audível, enquanto eu tremia como um coelho apavorado, encarando a bola. – Por favor, meu lorde...

– Silêncio, menina – disse o Dragão, estendendo a mão na minha direção. – Pegue-a.

– Pe... o quê? – falei, mais desconcertada do que se ele tivesse jogado a bola na minha cara.

– Não fique parada aí como uma idiota – disse ele. – *Pegue-a.*

Minha mão estava tremendo tanto quando a levantei que acabei encostando nos dedos dele enquanto tentava pegar a bola, apesar de ter odiado isso; sua pele era febril. Mas a bola de chamas era fria como mármore e não me machucou quando a toquei. Surpresa de alívio, eu a segurei entre os dedos, encarando-a. Ele olhou para mim com uma expressão de irritação.

– Bom – disse ele, de um jeito desagradável –, parece que é você, então. – Ele pegou a bola da minha mão e a fechou no punho por um instante; ela desapareceu com a mesma rapidez que surgira. O Dragão se virou para Danka e disse: – Mande o tributo para mim quando puder.

Eu ainda não tinha entendido. Acho que ninguém entendera, nem mesmo meus pais; foi tudo muito rápido, e eu fiquei chocada por ter chamado a atenção dele. Nem tive chance de virar e me despedir antes que ele voltasse e segurasse meu punho. Só Kasia se mexeu; olhei para ela, logo atrás de mim, e a vi prestes a estender a mão em protesto na minha direção, depois o Dragão me puxou, sem paciência e de um jeito indelicado, e eu saí tropeçando atrás dele, enquanto era arrastada para o local de onde ele tinha brotado do ar.

Com minha outra mão pressionava a boca, tentando conter a ânsia de vômito, quando saímos do outro lado. Quando ele me largou, caí de joelhos e vomitei sem nem ver onde eu estava. Ele soltou um murmúrio de nojo, a ponta comprida e elegante de sua bota de couro estava toda respingada, e disse:

– Inútil. Pare de vomitar e limpe essa imundície, garota. – Ele se afastou de mim, os saltos da bota ecoando nas lajotas, e sumiu.

Fiquei ali, tremendo, até ter certeza de que mais nada sairia do meu estômago, depois limpei a boca com as costas da mão e levantei a cabeça para examinar os arredores. Eu estava num piso de pedra, não uma pedra qualquer, mas um puro mármore branco entremeado com veias de um verde brilhoso. Era um pequeno cômodo redondo com janelas estreitas, altas demais para olhar através delas, mas, acima da minha cabeça, o teto se inclinava para dentro formando uma ponta aguda. Eu estava bem no alto da torre.

Não havia nenhum móvel no cômodo, e nada com que eu pudesse limpar o chão. Por fim, usei as saias do meu vestido, que já estavam sujas mesmo. Depois de um tempo sentada ali, me sentindo cada vez mais apavorada enquanto nada acontecia, eu me levantei e me arrastei timidamente pelo corredor. Teria usado qualquer caminho que não fosse o que ele usara para sair do cômodo, se houvesse outra saída. Não havia.

Mas ele já tinha sumido. O corredor curto estava vazio. O piso era do mesmo mármore duro e frio, iluminado por uma luz branca pálida e hostil que saía das lamparinas. Não eram lamparinas de verdade, apenas pedaços grandes de pedra polida que brilhavam por dentro. Só havia uma porta, e no fim, um arco que levava à escada.

Empurrei a porta e olhei lá dentro, nervosa, porque isso era melhor do que passar por ela sem saber o que havia do outro lado. Mas ela dava apenas para um pequeno cômodo vazio, com uma cama estreita, uma mesa e uma bacia. Havia uma janela grande na minha frente, e dava para ver o céu. Corri até ela e me inclinei para fora sobre o peitoril.

A torre do Dragão ficava no contraforte da fronteira oeste das terras dele. Nosso vale comprido se estendia para o leste, com suas vilas e fazendas, e pela janela dava para rastrear toda a linha do Veio, que corria em seu tom azul-prateado pelo centro do vale, ladeando a estrada marrom empoeirada. A estrada e o rio corriam juntos até a outra ponta das terras do Dragão, mergulhando em plataformas do bosque e saindo de novo nas vilas, até a estrada se estreitar a ponto de sumir pouco antes do enorme emaranhado preto da Floresta. O rio

seguia sozinho até suas profundezas e desaparecia, sem nunca surgir novamente.

Lá estava Olshanka, o povoado mais próximo da torre, onde aos domingos era realizado o Grande Mercado – meu pai já tinha me levado lá duas vezes. Mais à frente, Poniets; Radomsko se curvava ao redor das margens de seu pequeno lago; e a minha Dvernik com sua ampla praça verde. Dava até para ver as grandes mesas brancas arrumadas para o banquete do qual o Dragão não quis participar. E então caí de joelhos, apoiei a testa no peitoril e chorei como uma criança.

Mas minha mãe não veio apoiar a mão na minha cabeça, meu pai não me puxou para perto de si e me fez rir até parar de chorar. Simplesmente soluzei até estar com dor de cabeça demais para continuar chorando, meu corpo estava frio e rígido pelo contato com aquele chão dolorosamente duro, meu nariz escorria e não tinha nada para limpá-lo.

Usei outra parte da saia para assoar o nariz e sentei na cama, tentando pensar no que fazer. O quarto estava vazio, mas arejado e arrumado, como se tivesse acabado de ser esvaziado. Provavelmente era isso. Outra menina tinha morado aqui durante dez anos, completamente sozinha, olhando para o vale lá embaixo. Agora ela havia ido para casa se despedir da família, e o quarto era meu.

Pendurada na parede diante da cama ficava uma única pintura numa bela moldura dourada. Não fazia sentido, ela era grandiosa demais para o quartinho e não chegava a ser um quadro de verdade: apenas uma grande faixa verde-clara, com as bordas marrom-acinzentadas e uma brilhante linha azul-prateada que serpenteava pelo meio em curvas delicadas; linhas prateadas mais estreitas saíam das bordas para encontrá-la. Encarei a pintura e me perguntei se também era mágica. Eu nunca vira nada assim.

Mas havia círculos pintados em alguns pontos ao longo da linha prateada, e as marcações eram familiares para mim. Depois de um instante, percebi que o quadro também representava o vale, do jeito que um pássaro o veria do alto. A linha prateada era o Veio, correndo

das montanhas até a Floresta, e os círculos eram as vilas. As cores eram brilhantes, a tinta lustrosa formava pequenos picos. Quase dava para ver as ondas do rio, o cintilar da luz do sol na água. Ele atraía o olhar e me fazia querer encará-lo indefinidamente. Mas, ao mesmo tempo, eu não gostava dele. O quadro era uma caixa desenhada ao redor do vale vivo, ele o fechava, e observá-lo fez com que eu também me sentisse presa.

Desviei o olhar. Parecia que eu não ia conseguir ficar no quarto. Eu não tinha comido nada no café da manhã nem no jantar da noite anterior; só sentia um gosto ruim na boca. Eu deveria ter menos apetite, agora que algo pior do que qualquer coisa que eu pudesse imaginar havia acontecido comigo, mas, em vez disso, eu estava com uma fome dolorosa, e não havia serviçais na torre, então ninguém ia fazer meu jantar. Foi aí que algo pior me ocorreu: e se o Dragão quisesse que eu fizesse o dele?

E então um pensamento ainda pior: e *depois* do jantar? Kasia sempre acreditara nas mulheres que voltavam, que diziam que o Dragão não encostava nelas. “Faz cem anos que ele captura meninas”, dizia ela, sempre com firmeza. “*Uma* delas teria admitido, e a notícia teria se espalhado.”

Mas umas semanas atrás ela havia pedido à minha mãe, quando as duas estavam sozinhas, para contar o que acontecia quando uma menina se casava, para contar o mesmo que a mãe dela teria contado na noite antes de ela se casar. Eu as ouvi pela janela, escondida enquanto voltava do bosque, e fiquei parada ali escutando tudo enquanto lágrimas quentes escorriam pelo meu rosto, com raiva, tanta raiva pelo que aconteceria com Kasia.

Agora seria *eu*. E eu não era corajosa... não achava que seria capaz de respirar fundo e me impedir de ficar rígida, como minha mãe orientou Kasia a fazer para que não doesse. Eu me vi imaginando, por um instante terrível, o rosto do Dragão tão perto do meu, ainda mais perto do que quando ele me inspecionara na hora da escolha. Os olhos pretos frios e reluzentes como pedra, aqueles dedos duros como ferro, tão estranhamente quentes, afastando o vestido de minha pele,

enquanto me lançava, satisfeito, aquele sorriso insinuante. E se todo o corpo dele fosse febril daquele jeito, e eu o sentisse quase incandescente como uma brasa, em todo o meu corpo, enquanto ele se deitava sobre mim e...

Afastei o pensamento com um tremor e me levantei. Olhei para a cama e ao redor daquele pequeno quarto apertado, sem nenhum lugar para me esconder, e saí novamente em disparada pelo corredor. Havia uma escadaria no fim, descendo numa espiral estreita, de modo que não dava para ver o que havia na próxima curva. Parece idiotice ter medo de descer uma escada, mas eu estava apavorada. No fim das contas quase voltei para o quarto. Acabei apoiando uma das mãos na parede de pedra e descendo devagar, colocando os dois pés em cada degrau e parando para ouvir antes de descer mais um pouco.

Depois de me esgueirar desse jeito por uma curva inteira e nada ter pulado em cima de mim, comecei a me sentir idiota e a andar mais rápido. Mas aí virei em outra curva e não cheguei a lugar algum; e mais uma, e comecei a ter medo de novo, desta vez era medo de que a escada fosse mágica e simplesmente continuasse para sempre e... bem. Comecei a descer cada vez mais rápido, depois derrapei três degraus até o próximo patamar e dei de cara com o Dragão.

Eu era magrela, mas meu pai era o homem mais alto da vila, e eu chegava até o ombro dele, e o Dragão não era um homem grande. Quase tropeçamos escada abaixo juntos. Ele segurou o corrimão com uma das mãos, rápido, e meu braço com a outra e, de algum jeito, conseguiu nos impedir de cair no chão. Eu me vi totalmente apoiada nele, agarrando seu casaco e encarando seu rosto amedrontado. Por um instante, ele ficou surpreso demais para pensar e pareceu um homem comum assustado por algo que havia pulado em cima dele, um pouco bobo e frágil, a boca entreaberta e os olhos arregalados.

Fiquei tão surpresa que não me mexi, só fiquei parada ali, indefesa, e ele se recuperou rapidamente; a revolta se espalhou pelo seu rosto, ele me levantou e me afastou. Foi aí que percebi o que tinha acabado de fazer e disse, em pânico, antes que ele conseguisse abrir a boca:

– Estou procurando a cozinha!

– Está *mesmo*? – perguntou ele, sua voz aveludada. Seu rosto, porém, não parecia nem um pouco suave: estava rígido e furioso, e ele não largava meu braço. Seu aperto era forte, doloroso; dava para sentir o calor através da manga do vestido. Ele me puxou para perto e avançou em minha direção, acho que queria parecer mais alto do que eu e, como não conseguiu, ficou com mais raiva ainda. Se eu tivesse tido um instante para pensar, teria me encolhido para me tornar menor, mas estava cansada e assustada demais. Assim, seu rosto ficou bem diante do meu, tão perto que seu hálito estava nos meus lábios e eu senti e escutei seu sussurro frio e cruel:

– Talvez seja melhor eu levar você até lá.

– Eu consigo... consigo... – comecei a dizer, tremendo, tentando me afastar. Ele virou e me arrastou escada abaixo, fazendo uma curva e outra e outra de novo, cinco vezes antes de chegarmos ao próximo patamar, depois mais três curvas para baixo, a luz ficando mais fraca, até ele finalmente me puxar para o andar mais baixo da torre, apenas uma grande câmara de masmorra com paredes vazias de pedra escavada, com uma lareira enorme em formato de boca curvada para baixo, cheia de chamas que saltavam de maneira infernal.

Ele me arrastou em direção ao fogo e, num instante de pavor cego, percebi que ele pretendia me jogar ali. Ele era tão forte, tão mais forte do que deveria ser para seu tamanho, e me puxava com facilidade mesmo que eu tropeçasse escada abaixo atrás dele. Mas eu não deixaria que ele me jogasse no fogo. Eu não era uma garota quieta, uma dama; passei a vida toda correndo no bosque, subindo em árvores e atravessando arbustos, e o pânico me dava uma força brutal. Gritei quando ele me puxou para perto da lareira, depois comecei a brigar, a arranhá-lo e a me contorcer, de um jeito que finalmente o derrubou no chão.

Caí junto com ele. Batemos a cabeça no piso de pedra e ficamos deitados, tontos, nossos membros entrelaçados. O fogo crepitava ao nosso lado e, conforme meu pânico diminuía, percebi que havia pequenas portas de ferro na parede ao lado, na frente, um espeto para

assar e, em cima, uma prateleira enorme e larga com panelas. Era apenas a cozinha.

Depois de um instante, ele perguntou, quase num tom de admiração:

– Você é louca?

– Achei que você ia me jogar no forno – respondi, ainda tonta, e depois comecei a rir.

Não era uma risada de verdade. Naquele momento, eu estava à beira da histeria, abatida e faminta, meus tornozelos e joelhos machucados por ter sido arrastada escada abaixo e minha cabeça doendo como se tivesse rachado o crânio, e simplesmente não conseguia parar.

Mas *ele* não sabia disso. Tudo que ele sabia era que a garota idiota que ele tinha escolhido estava rindo dele, o Dragão, o maior mago do reino, lorde e mestre dela. Acho que ninguém rira dele em cem anos. Até aquele momento. Ele se levantou, desenlaçando suas pernas das minhas e, ao ficar de pé, olhou para baixo, indignado como um gato. Só consegui rir ainda mais, e ele se virou de repente e me deixou ali, gargalhando no chão, como se não conseguisse pensar em mais nada para fazer comigo.

Depois que ele se afastou, minhas risadas diminuíram e, de alguma forma, eu me senti um pouco menos vazia e apreensiva. Afinal, ele não tinha me jogado no forno, ele não tinha me batido. Eu me levantei e olhei ao redor: era difícil enxergar porque a lareira era muito clara e não havia outras luzes acesas, mas, quando fiquei de costas para as chamas, comecei a entender o enorme cômodo: dividido, com alcovas e paredes baixas, estantes cheias de garrafas de vidro brilhosas – vinho, percebi. Meu tio tinha comprado uma garrafa para a casa da minha avó uma vez, para o solstício de inverno.

Havia suprimentos por toda parte: barris de maçãs embaladas em palha, sacos de batatas, cenouras e pastinacas, compridos cordões trançados de cebolas. Numa mesa no meio do cômodo, encontrei um livro, uma vela apagada, um pote de tinta e uma pena e, quando o abri, descobri ser um livro de registros com todos os suprimentos,

escrito numa caligrafia firme. No fim da primeira página havia uma observação em letra miúda; quando acendi a vela e me inclinei para espiar, consegui ler:

*Café da manhã às oito, almoço à uma, jantar às sete. Deixe a refeição pronta na biblioteca, cinco minutos antes, e você não vai precisar vê-lo (nem preciso dizer quem) o dia todo. Coragem!*

Um conselho inestimável – e aquele *Coragem!* era como o toque de uma mão amiga. Abracei o livro, me sentindo menos sozinha do que me sentira o dia todo. Parecia ser perto de meio-dia, e o Dragão não tinha comido na nossa vila, então comecei a fazer o almoço. Eu não era uma excelente cozinheira, mas minha mãe tinha insistido em me ensinar um pouco até eu conseguir preparar uma refeição; e era eu que coletava várias plantas selvagens para minha família, então sabia como distinguir o alimento fresco do estragado e identificar quando uma fruta estava doce. Nunca tive tanto com o que trabalhar: havia até gavetas de temperos com cheiro de bolo do solstício de inverno e um barril inteiro cheio de sal cinza, macio e fresco.

No fundo do cômodo havia um local estranhamente frio, onde encontrei carnes penduradas: um cervo inteiro e duas lebres grandes; vi também uma caixa de palha cheia de ovos. Havia um pão fresco já assado, envolvido num pano bordado sobre a lareira, e ao lado encontrei uma panela com uma mistura de carne de coelho, trigo-sarraceno e ervilhas. Experimentei: parecia algo saído de um banquete, era ao mesmo tempo salgado e doce, além de estar macio a ponto de derreter; outro presente da pessoa que escrevera anonimamente no livro.

Eu não sabia fazer uma comida dessas, e tive medo que o Dragão esperasse isso. Mas fiquei muito grata por ter aquela panela pronta, de qualquer maneira. Eu a coloquei de volta sobre o fogo para aquecer (salpiquei um pouco no meu vestido ao fazer isso), preparei dois ovos para cozinhar, e encontrei uma travessa, uma tigela, um prato e uma colher. Quando o coelho ficou pronto, eu o coloquei na travessa, cortei o pão e passei manteiga. Era preciso cortá-lo, porque eu já havia rasgado e comido a ponta enquanto esperava a carne. Até

cozinhei uma maçã com os temperos, receita que minha mãe tinha me ensinado para o jantar de domingo no inverno, e havia tantas chamas que eu podia fazer isso enquanto todas as outras coisas cozinhavam. Quando arrumei tudo na travessa, me senti um pouco orgulhosa: parecia uma festa, mas uma festa estranha com coisas para uma pessoa só.

Levei a travessa escada acima com cuidado, mas demorei para descobrir que não sabia onde ficava a biblioteca. Se eu tivesse pensado um pouco, saberia que não era no andar mais baixo (e de fato não era), mas não entendi isso até andar de um lado para o outro carregando a travessa por um salão circular enorme, com janelas fechadas por cortinas e uma poltrona pesada que parecia um trono ao fundo. Havia outra porta no lado mais distante, mas, quando a abri, só encontrei o hall de entrada e as portas imponentes da torre, com o triplo da altura da minha cabeça e travadas com uma placa grossa de madeira sobre suportes de ferro.

Virei e segui pelo corredor em direção à escada, subi mais um andar e lá encontrei o piso de mármore coberto com um tecido macio e peludo. Eu nunca tinha visto um carpete. Era por isso que eu não ouvia os passos do Dragão. Segui ansiosa pelo corredor e espiei pela primeira porta. Recuei depressa: o ambiente era repleto de mesas compridas, frascos estranhos, poções borbulhantes e faíscas anormais em cores que não vinham de uma lareira; eu não queria passar nem mais um instante ali dentro. Mas, mesmo assim, consegui prender o vestido na porta e rasgá-lo.

Por fim, a porta seguinte, do outro lado do corredor, se abria para um cômodo cheio de livros: estantes de madeira repletas deles subiam do chão até o teto. O cômodo tinha cheiro de poeira, e só havia algumas janelas estreitas permitindo a passagem da luz. Fiquei tão feliz por ter encontrado a biblioteca que, no início, não percebi que o Dragão estava lá: sentado numa poltrona pesada com uma pequena mesa a sua frente e um livro apoiado nela, tão grande que cada página tinha o comprimento do meu antebraço, e uma grande tranca dourada na capa.

Congelei ao encará-lo, me sentindo traída pelo conselho do livro. De alguma forma, achei que o Dragão ficaria convenientemente fora do caminho até eu ter a chance de servir sua refeição. Ele não tinha levantado a cabeça para olhar para mim, mas, em vez de continuar quieta e ir com a travessa até a mesa no centro do salão, colocá-la ali e sair correndo, fiquei parada na porta e falei:

– Eu... eu trouxe o almoço. – Eu não queria entrar até que ele mandasse.

– Sério? – perguntou ele, com sarcasmo. – Sem cair num poço no caminho? Estou surpreso. – Só então ele levantou o olhar para mim e franziu a testa. – Ou você *caiu* num poço?

Olhei para mim mesma. Minha saia estava com uma enorme mancha horrível do vômito (eu tinha limpado como pude na cozinha, mas não tinha saído completamente) e outra de onde assoei o nariz. Havia três ou quatro manchas de gordura do ensopado e mais algumas salpicadas da bacia de lavar louça onde limpei as panelas. A barra ainda estava enlameada e eu tinha rasgado mais alguns buracos sem nem perceber. Minha mãe tinha trançado e prendido meu cabelo naquela manhã, mas as presilhas tinham escorregado da minha cabeça e agora o cabelo era um grande nó embaraçado pendurado até o pescoço.

Eu não tinha percebido; não era algo incomum para mim, exceto que eu estava usando um vestido bonito por baixo daquela bagunça.

– Eu estava... eu cozinhei e limpei... – tentei explicar.

– A coisa mais suja nesta torre é *você* – disse ele; era verdade, mas foi grosseiro do mesmo jeito. Fiquei vermelha e, com a cabeça baixa, fui até a mesa. Coloquei tudo ali e dei uma olhada, percebendo, desanimada, que, com todo o tempo que levei andando pela torre, tudo tinha esfriado, exceto a manteiga, que virou uma bagunça escorrida e molenga no prato. Até minha linda maçã assada tinha esfriado.

Encarei o prato, horrorizada, tentando decidir o que fazer; será que eu deveria levar tudo de volta? Ou talvez ele não se importasse? Virei para olhar e quase gritei: ele estava parado bem atrás de mim,

espiando a comida por sobre o meu ombro.

– Estou vendo por que teve medo que eu fosse assar você – disse ele, se inclinando para pegar uma colher do ensopado, partindo a camada de gordura fria em cima e devolvendo-a. – Você daria uma refeição melhor do que essa.

– Não sou uma cozinheira maravilhosa, mas... – Encarei-o, tentando explicar que não era terrível na cozinha, que eu só não sabia o caminho, mas ele bufou, me interrompendo.

– Existe alguma coisa que você *saiba* fazer? – perguntou ele, zombando.

Se ao menos eu tivesse sido mais bem treinada para servir, se ao menos eu realmente tivesse achado que poderia ser escolhida e estivesse mais preparada para isso; se ao menos eu estivesse menos arrasada e cansada, e se ao menos eu não tivesse sentido um pouco de orgulho de mim mesma na cozinha; se ao menos ele não tivesse acabado de me ridicularizar por estar um trapo, do jeito que todos que me amavam faziam, mas com malícia em vez de afeto; se ao menos alguma dessas coisas e se ao menos eu não tivesse esbarrado nele na escada e descoberto que ele *não ia* me jogar no fogo, eu provavelmente ficaria apenas vermelha e fugiria.

Em vez disso, joguei a travessa na mesa, irritada, e gritei:

– Por que você me escolheu, então? Por que você não escolheu Kasia?

Calei a boca assim que falei, horrorizada e com vergonha de mim mesma. Eu estava prestes a retirar o que falei rapidamente, dizer que eu estava arrependida, que não era isso que eu queria dizer, que eu não queria dizer que ele devia ter pego Kasia no meu lugar; que eu ia trazer outra travessa... Mas ele estava impaciente e disse:

– Quem?

Abri a boca, surpresa.

– Kasia! – respondi. Ele simplesmente olhou para mim como se eu estivesse dando mais uma prova da minha idiotice, e eu me esqueci das minhas intenções nobres. – Você ia escolhê-la! Ela... ela é inteligente e corajosa e excelente cozinheira e...

Ele estava ficando cada vez mais irritado.

– Claro – cuspiu ele, me interrompendo –, eu me lembro da menina: não tinha cara de cavalo nem era desleixada, e imagino que não estaria reclamando comigo neste minuto: já chega. Vocês, meninas da vila, são todas meio entediadas no começo, mas você está provando ser um modelo notável de incompetência.

– Então você não precisa me manter aqui! – soltei, com raiva e magoada. *Cara de cavalo* doeu.

– Para minha infelicidade, é aí que você está errada.

Ele pegou minha mão pelo punho e me girou: ficou atrás de mim, e esticou meu braço sobre a comida em cima da mesa.

– *Lirintalem* – disse ele, uma palavra estranha que saiu em forma de líquido da língua dele e ecoou aguda aos meus ouvidos. – Diga junto comigo.

– O quê? – Eu nunca tinha escutado a palavra. Mas ele se aproximou mais das minhas costas, colocou a boca no meu ouvido e sussurrou, de um jeito terrível:

– *Diga!*

Estremeci e, desejando apenas que ele me soltasse, falei junto com ele “*Lirintalem*”, enquanto ele segurava minha mão sobre a refeição.

O ar formou ondas sobre a comida, uma coisa horrível de se ver, como se o mundo todo fosse um lago no qual ele pudesse jogar pedrinhas. Quando tudo voltou ao normal, a comida estava diferente. No lugar dos ovos cozidos, uma galinha assada; em vez da tigela de ensopado de coelho, uma pilha de vagem fresca minúscula, apesar de já terem se passado sete meses da estação delas; em vez da maçã assada, uma tortinha cheia de maçãs fatiadas bem fininhas, como papel, salpicadas de passas encorpadas e cobertas com mel.

Ele me soltou. Tropecei com a súbita falta de apoio, me segurando na borda da mesa, meus pulmões esvaziados como se alguém tivesse sentado no meu peito; eu me sentia como um limão espremido para virar suco. Estrelas formigavam no canto da minha visão, e eu me inclinei, quase desmaiando. De longe, eu o vi olhando para a travessa, com uma careta no rosto, como se estivesse, ao mesmo tempo,